

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ALTERIDADE: EM BUSCA DE UMA APROXIMAÇÃO

Keila Daiane Ferrari Orso*

RESUMO

Considerando a temática formação de professores, o presente artigo apresenta uma dupla tarefa: a construção da noção de alteridade e, conseqüentemente, uma contextualização da contemporaneidade — (re)pensar a formação de professores a partir do conceito de alteridade. A concepção de alteridade é intuída como uma oportunidade para refletir sobre a educação como momento em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, ultrapassarmos o individualismo e o egocentrismo que o mundo pós-moderno nos dispõe. Para tanto, parte-se de uma revisão sobre o tema alteridade, avultando reflexões que buscam entrever a veemência da alteridade na formação de professores. Palavras-chave: Educação. Contemporaneidade. Formação de professores. Alteridade.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Refletir acerca do tema formação de professores parece ser um discurso remoto e, ao mesmo tempo, contemporâneo. Pesquisas despontam a necessidade da continuidade de investigações na área, bem como da busca de práticas espessas para amenizar as esfinges hodiernas. Há de se destacar que, nesse período contemporâneo, novas funções agregam-se aos docentes, bem como a todos nós, seres humanos.

Visando, aqui, uma oportunidade para refletir sobre a educação em tempos contemporâneos e entrever a veemência da alteridade na formação de professores, como (re)pensar essa formação¹ a partir do conceito de alteridade? Dificilmente o docente conseguirá ter êxito em seu trabalho se o desenvolver de maneira individualista e não reconhecedora do “outro”. Repensar a formação de professores a partir do conceito de alteridade, na tentativa de superar o egocentrismo, poderá trazer possíveis contribuições para o campo educacional.

No presente estudo apresenta-se por objetivo de análise uma dupla tarefa: a construção da noção de alteridade e, conseqüentemente, uma contextualização da contemporaneidade — (re)pensar a formação docente a partir do conceito de alteridade, abrangendo o processo formativo permanente dos professores como um meio de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem na escola.

Neste estudo, primeiramente autores como Fleuri (2003), Hermann (2010, 2014), Laplantine (2000) e Chaluh (2008), entre outros, amparam-se na noção de alteridade enquanto chave para o aprimoramento individual e social diante das complexidades do mundo contemporâneo e de sua fragmentação. Em um segundo momento a alteridade é visada na formação de professores, elencando aspectos que podem abrir espaço para as discussões nos cursos de formação de professores, possibilitando uma formação voltada para aspectos pluriculturais.² Por fim, à guisa de conclusões, são apresentadas considerações enfatizando a veemência da alteridade na formação de professores.

2 EDUCAÇÃO E ALTERIDADE

Eu sou trezentos...
Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinqüenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.
(Mário de Andrade, 1929)

* Graduada em Letras pelo Centro Pastoral Educacional e Assistência Dom Carlos; mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Oeste de Santa Catarina; keilaorso@hotmail.com

Em tempos hodiernos, falar em educação significa acreditar fielmente que possamos com ela ensinar um mundo melhor. Em meio a tantos embaraços contemporâneos, tantas fragmentações, por que ainda mantemos acesas as “labaredas” de que a educação pode ser um caminho seguro para transformações? Conforme o poema: “[...] tenhamos paciência, andorinhas curtas [...]” A educação é uma incidência de singularidades, além de ser uma ação coletiva. Para educar carecemos, ao menos, duas singularidades em contato.

Como afirma Gallo (2008), “[...] a educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros.” Por esta razão, o tema do outro é um dos grandes desafios a ser percorrido pela educação. Ao se discorrer sobre alteridade na educação, faz-se necessário saber se estamos, de fato, discorrendo no outro e na possibilidade de encontros ou se estamos discorrendo do mesmo e sempre do arrefecimento ao mesmo, portanto sem qualquer probabilidade de encontro.

De fato, noções de multiculturalidade,³ diversidade e alteridade vêm sendo temáticas constantes para reflexões em debates educacionais desde 1997, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) colocaram na pauta da educação brasileira a pluralidade cultural como um de seus temas transversais.

Em decorrência dessas reflexões surge o tema *alteridade*. Mas, afinal, o que é alteridade? Inicialmente, apresentam-se dois conceitos: um para a Psicologia e outro para a Filosofia. Para a Psicologia, alteridade se refere ao “[...] conceito que o indivíduo tem segundo o qual os outros seres são distintos dele. Já para a Filosofia: “[...] do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro.” (ABBAGNANO, 1998, p. 34-35). No entanto, em consonância com o conceito filosófico, podemos inferir que nossa constituição como um “outro” passa, essencialmente, por um processo de identificação positiva ou negativa com os outros. É como admitir ou recusar o outro que existe em nós.

Ainda nessa mesma linha de considerações, para o exercício da cidadania e para se estabelecer uma relação pacífica e construtiva com os diferentes, a alteridade torna-se um pré-requisito. Dessa forma, a visão do outro é o que nos permite, também, compreender o mundo a partir de um olhar distinto, partindo tanto do diferente quanto de nós mesmos, movidos pela experiência do contato. Para Laplantine (2000, p. 21), a alteridade é como se fosse nossa garantia de sermos antirradicais, conforme explica:

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.

Ao negarmos o outro despontamos o anseio de extinguir a alteridade presente no próprio eu, que quer se assegurar como uno em um mundo fragmentado, no qual o conceito da diferença parece ser uma iminência arriscada. Nesse mundo fragmentado, obsoleto, vulnerável aos consumos extrapolados e, como consequência, da vulnerabilidade do humano, oportuno para perceber no “outro” uma iminência arriscada, visto que, a todo momento, o outro examina e avalia aquilo que somos, nossos modos de agir, como procedemos em relação a ele. É por meio da superação dessa resistência que nos contornamos nós mesmos mediante os outros. O outro que me “ameaça” é o próprio que me “liberta”.

Hermann (2014) destaca que é preciso dar visibilidade e reconhecimento ao outro que tem a dignidade lesada ao ser excluído pela moralidade metafísica e pela ética tradicional. O sujeito perturba-se com o estranho “[...] e isso ocorre nos processos educativos, sobretudo na relação entre professores e alunos.” (HERMANN, 2014, p. 154). Nesse ínterim, as identidades multiplicam-se, ao mesmo tempo em que se fragmentam.

No contexto contemporâneo, ao adquirir novas identidades, o homem também adquire mais um aspecto de distinção diante do “outro”. Posto aqui mais um desafio para o processo educacional. Ademais, em tempos pós-modernos, pensar em alteridade a partir da dimensão educacional é pensá-la como objetivo do próprio processo educacional.

A busca pela inserção da alteridade como objetivo educacional que presume uma convivência democrática e igualitária entre diferentes grupos, recebeu denominações plurais também nas diferentes

partes do globo, tais como: no mundo anglo-saxão – educação multicultural; na Europa – pedagogia do acolhimento, educação para a diversidade, educação intercultural. (FLEURI, 2003, p. 497).

Impõe-se, assim, a educação, a tarefa histórica de assumir o seu papel transformador. O primeiro passo para essa tarefa, é considerar a diversidade e as diferenças presentes em sala, para assim derruir a concepção cartesiana de ser humano formatada por séculos dentro do modelo clássico de ensino. O ser humano, refletido numa perspectiva histórico-social, de modo dialético e dialógico, nos permite apreciar “as puerícias e as mocidades” que surgem diante de nós.

Sob essa ótica, poderemos vislumbrar a diversidade presente na escola/educação. Ao mudar o foco de nosso olhar sobre o humano manifestado no ser, perceberemos a necessidade de uma ética que contemple o outro como manifestação humana, como uma possibilidade à qual se deve consideração e respeito. As necessidades produzidas pela sociedade infligem à educação proeminentes mudanças. Portanto, o aprofundamento da noção de alteridade aparece para os professores como cogente e inevitável na contemporaneidade, tendo como foco a formação teórico-científica desses profissionais.

3 A ALTERIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Como faz notar, a contemporaneidade requer professores com formação que incite para uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça a esses profissionais os meios de um pensamento autônomo e que, assim, facilite as dinâmicas de autoformação participada (NÓVOA, 1992, p. 25). Contudo, a sociedade brasileira ainda exhibe as marcas do nosso passado escravista e colonial, restringindo as ações de mutação social e, por conseguinte, “[...] seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra sonhos [...] Daí a natureza contraditória e processual de toda realidade.” (FREIRE, 2000, p. 54).

Para o professor, bem como para qualquer profissional, sempre há uma intensa necessidade de acompanhar a evolução de um mundo que se moderniza a cada segundo, sobretudo quando se depara com salas de aula repletas de alunos mergulhados em tecnologias do mundo pós-moderno, mas que não atingem a profundidade do saber encontrado nos livros e no conhecimento que todo o professor tem para transmitir. Hermann (2010) também destaca que “[...] nosso tempo histórico acentua a emergência de uma pluralidade irreduzível de costumes e crenças, que progride em todas as ciências e nas formas de vida social.”

Jocosamente, de acordo com Hermann (2010), a alteridade é um outro, do qual depende a própria identidade. O outro e o eu estão numa relação complexa em que se remetem reciprocamente. Assim, o outro não apenas está fora como dentro do indivíduo. Os versos de Cecília Meireles no Cântico⁴ nos remetem a isso:

[...] Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.

Porém, nessa relação com o “outro”, o que modificar? Como observar e perceber o “outro”? Quem sabe repensar os currículos? Ou talvez novas metodologias, novas perspectivas? Como ultrapassar o individualismo que o mundo pós-moderno impõe? Considerando a necessidade de melhoramento do processo de ensino e aprendizagem, visando às constantes transformações que se operam em nossa sociedade como um todo, por meio deste estudo, procura-se destacar a formação dos professores como alvo fundamental para a alteridade chegar até a *práxis* pedagógica.

Doravante, a fim de assinalar a necessidade de uma formação que incite ressignificar o professor e seu modo de anunciar a relação com o “outro”, o aprofundamento da noção de alteridade surge para os educadores como necessário e inevitável para o apaziguamento e, principalmente, para o convívio com a diferença.

A propósito, Furtado (2012, p. 3) destaca que:

[...] o desenvolvimento de novas atitudes na área pedagógica é fundamental para o aprofundamento da interculturalidade não apenas como conceito, mas, principalmente, como práxis. Fala-se de um outro que não é vivenciado através das atitudes mais comuns na relação ensino-aprendizagem. Esse é o início do nó que surge, quando pensamos a formação da identidade docente e a própria ação docente através do viés da alteridade.

Pensada com base na perspectiva da alteridade, a formação de professores passa a ser proposta como foco de contextos nos quais abroliham relacionamentos de sujeitos plurais, ultrapassando, assim, os muros da teoria e adotando a veemência do reconhecimento de uma parte de mim no “outro” e vice-versa.

Na base dessa discussão encontra-se um campo amplo de interpretações, que ocasionam constantes reflexões. Segundo Chaluh (2008, p. 7),⁵ apoiado no pensamento bakhtiniano⁶ e sobretudo nas considerações de alteridade e diálogo, interesses essenciais para o processo de formação dos professores expõe que:

A formação é compreendida [...] como uma relação que provoca ação, na qual o outro se apresenta como desencadeador de diferentes e diversos processos formativos. A perspectiva de pesquisa construída a partir deste trabalho, “pesquisa na e com a escola”, está sustentada por uma trilogia – pesquisa-alteridade-formação, que diz da potencialidade da pesquisa quando relacionada ao processo formativo: o encontro escola e universidade, o diálogo e a colaboração.

Não se pode negar que o trabalho de Chaluh proporciona uma proposta proeminente para a formação do professor, visto que ela propõe a reflexão sobre a formação como uma relação de provoca-ção. Em decorrência de seu estudo, Chaluh (2008) avaliou as relações que consentem encontros e reencontros entre os diferentes sujeitos que têm habitado a escola. Para a autora, “[...] o encontro com outro possibilita ao sujeito olhar e completar a si mesmo.”

Indubitavelmente, estamos no momento de ultrapassar a fase do discurso festivo sobre a alteridade e hastear ações que garantam sua inserção na formação de professores, ou o número de professores dopados de antidepressivos e outros fármacos para assinar o ponto todos os dias apenas crescerá. Precisamos de mudanças, mesmo paulatinamente. Visto que a alteridade constitui a subjetividade como resposta e responsabilidade pelo “outro”, esse é um caminho para que a ação educativa não seja violenta (HERMANN, 2010, p. 161).

4 À GUIA DE CONCLUSÕES

Considerando que temos hoje um grande desafio decorrente do contexto atual econômico-político-social, que é a inserção dos sujeitos em uma sociedade globalizada, ele ganha dimensão e relevância cada vez mais complexas. É necessário refletir sobre novas perspectivas. Valendo-se desse prisma, refletir sobre alteridade pode ser um desafio imenso e um modesto desejo de melhorabilidade humana, mantém acesa a chama da vivência criativa, regada pelo “reconhecimento ao “outro”, sensibilidade e luzes do respeito.

Do mesmo modo, se toda a educação visa formar o educando para o pleno exercício de sua liberdade, no contexto da ética da alteridade aqui proposta, tal formação visa a construção de relações sociais mais justas e responsáveis com o “outro”. Outrossim, observa-se que: “[...] o amar ocorre no fluir do viver no presente na legitimidade de tudo, sem dualidade, sem fazer distinções de bom e mau, de belo e feio.” (MATURANA; YAÑEZ, 2009, p. 83).

Finalmente, gostaria de ressaltar que o objetivo de abordar a construção da noção de alteridade e (re)pensar a formação de professores a partir de seu conceito permanece ainda um caminho aberto a ser percorrido. Este esboço pretendeu iniciar um diálogo com a temática, visando entender suas significativas influências no contexto pós-moderno. Considero esse diálogo bastante inexaurível e que sobrevém no alargamento dos horizontes compreensivos dos sujeitos no campo da educação.

Teachers' training and alterity: in search of an approaching

Abstract

Considering the teachers' training theme, this article presents a dyad task – the construction of the notion of alterity and, consequently, a contextualization of contemporaneity: (re)think teachers' training from the alterity concept. The conception of Alterity is perceived as an opportunity to reflect education, as a moment when we decide whether we love the world enough to assume the responsibility for it, and, with such attitude, we overcome the individualism and egocentrism that the postmodern world features us. Thus, a literature review about alterity was done on the alterity theme, highlighting reflections seeking to forecast the vehemence of the alterity in teachers' training. *Keywords: Education. Teacher's training. Alterity.*

Notas explicativas:

¹ A formação de professores no Brasil apresenta-se desde o ano 1982, quando surgem os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefams), criados pelo governo federal para aprofundar a formação de professores em nível médio com carga horária em período integral.

² Referente a várias culturas.

³ O multiculturalismo é apresentado como o reconhecimento das diferenças e da individualidade de cada um.

⁴ O Cântico foi extraído da *Antologia Poética* (1963, grifo nosso).

⁵ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas; Professora do Departamento de Educação na Universidade Estadual Paulista (IB, Rio Claro).

⁶ Mikhail Bakhtin (1895-1975) entendeu a linguagem como produto da interação social e da interação dos interlocutores. De acordo com ele, a língua não pode ser considerada uma estrutura abstrata, sem realização concreta, tampouco mero reflexo da realidade material.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. 8. ed. Brasília, DF, 2003.

CHALUH, L. N. **Formação e alteridade**: pesquisa na e com a escola. 2008. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FLEURI, R. M. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003.

FURTADO, J. **Docência e alteridade**. 2012. Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/docencia_alteridade.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO: DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS, 2., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

HERMANN, N. Ética, estética e alteridade. In: **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estético. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 123-136.

HERMANN, N. **Ética e Educação**: Outra sensibilidade. 1ª ed. Autêntica, 2014.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.

MATURANA, H. R.; YÁÑEZ, X. D. O caminho do amar. In: **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. Tradução Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009. p. 83-87.

